

ARQUIVO 3

A AUTOMAÇÃO E A SOCIEDADE DO LAZER

ARTIGO



Reprodução - Montagem

SÉRGIO DE OLIVEIRA BIRCHAL *

Nas últimas décadas, tem sido anunciado o início de uma nova era com a chegada da "revolução do lazer" e da "Sociedade do lazer". Nessa nova época as pessoas teriam mais e mais tempo para dispender da maneira que melhor entendessem, como resultado da crescente automação da vida moderna. Portanto, este trabalho objetiva discutir o impacto da automação na relação trabalho-lazer na sociedade moderna. Esta reflexão irá examinar a literatura sobre o assunto produzida nas últimas três décadas e o que, de fato, ocorreu até então com a "revolução do lazer".

A idéia de que a automação no futuro iria libertar-nos do trabalho, deixando-nos com mais tempo para ser gasto em atividades de lazer, era amplamente aceita na década de 60 não somente por especialistas no assunto. Em 1963, por exemplo, o então Primeiro Ministro Inglês, Harold Wilson, falava a respeito de um, até então, "impensável padrão de vida e da possibilidade de lazer em escala inacreditável"(1). De acordo com Smigel, durante aquela época, um dos principais pressupostos no que dizia respeito à automação, era que ela iria trazer consigo drásticas reduções no número de horas necessárias de trabalho(2). Dewhurst estimava que, por volta do ano 2000, a semana de trabalho média nos Estados Unidos seria de 15 horas(3). Faunce, por sua vez, observou que o efeito líquido do desenvolvimento de máquinas de transferência rápida, de instrumentos de inspeção eletrônica e da tecnologia de computadores, seria um aumento da produção por homem/hora e uma aceleração do crescimento da taxa de produtividade da indústria

norte-americana. Seria o crescimento da produtividade da economia norte-americana que tornaria possível a redução nas horas de trabalho e o aumento do tempo disponível para o lazer. Uma evidência desse fato era que nos últimos 100 anos, até a década de 1960, o número médio de horas trabalhadas por trabalhadores empregados nos setores não-agrícolas nos Estados Unidos havia decrescido de algo em torno de 65 horas para perto de 40 horas por semana. Além disso, esse declínio havia ocorrido de forma constante, numa média de aproximadamente 3 horas por década(4).

Nos anos 70, Jenkins e Sherman escreveram sobre o colapso do trabalho. Os autores falavam sobre o início de uma nova revolução industrial, baseada na microeletrônica, com profundos impactos sobre o trabalho e as perspectivas de emprego. O potencial de crescimento da produtividade trazido por esta revolução industrial ameaçaria elevar os níveis de desemprego e as sociedades industrializadas não seriam capazes de, no futuro, criar trabalho para todos, de uma forma contínua. Na Grã-Bretanha, em 1978, por exemplo, existia uma força de trabalho de 22.365.700 pessoas. Em 1983 estimava-se que este contingente totalizasse 21.340.000 pessoas, com redução de mais de um milhão de empregos. Até o final de 1993, a força de trabalho atingiria, aproximadamente, o número de 18.560.000 pessoas, uma redução de quase 3.800.000 empregos. Até o ano 2003 era expectativa de que este número se reduzisse a 17.140.000. Tal crescimento de desemprego faria com que um grande número de pessoas não tivesse como satisfazer suas obrigações financeiras e impediria grande número de

(1) Reproduzido em The Independent, "There's just so much to do, and so little time", 25 de Outubro de 1993, p.14.

(2) E.O.Smigel, "The Leisure Society", The Computer Impact, ed. I. Taviss, (Englewood Cliffs, 1970), pp.104-6.

(3) J.F. Dewhurst, America's Needs and Resources, A New Survey, (New York, 1955), citado em Ibid., p.104.

(4) W.A.Faunce, "Automation and Leisure" Work and Leisure: A Contemporary Social Problem, E.O. Smigel org., (New Haven, 1963), pp.86-7.

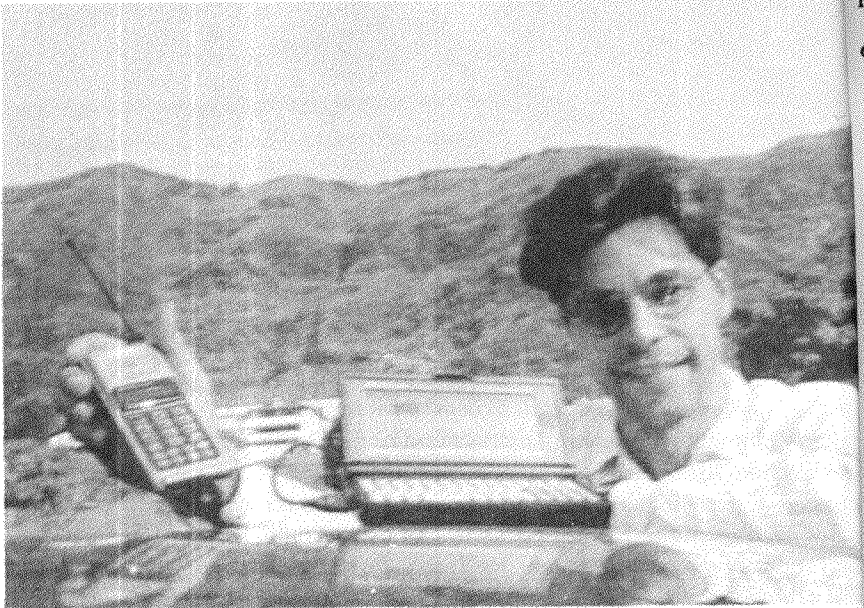
obrigações financeiras e impediria grande número de jovens de alcançar um alto e crescente padrão de vida, o que era tido como um direito deles. Para evitar essas consequências indesejáveis, os autores postulavam a "revolução do lazer"(5).

Nos anos 80, Parker identificou quatro proposições com referência às maneiras pelas quais o avanço tecnológico iria mudar a relação entre o trabalho e o lazer. A primeira proposição, era de que o lazer iria assumir cada vez mais um caráter de trabalho. Assim, à medida em que a tecnologia abrisse a possibilidade de menos tempo gasto no trabalho, aumentaria o tempo disponível para o lazer, que poderia ser usado em trabalhos da escolha pessoal de cada um. A segunda proposição era que a tecnologia diminuiria, de forma crescente, a distinção entre trabalho e lazer. De acordo com a terceira proposição, as atitudes e os valores relacionados ao trabalho e o lazer mudariam como um resultado dos desenvolvimentos tecnológicos. A ética do lazer emergiria, deslocando o trabalho como o centro do significado e objetivo da vida. O lazer se tornaria na área central do significado, da realização e da identidade pessoal, com o trabalho se transformando apenas em um meio para se atingir esses fins. A quarta proposição, era a de que a influência da tecnologia na

relação trabalho-lazer iria levar a um maior reconhecimento das diferenças individuais no que tange às necessidades de atividades de trabalho e lazer(6).

A evidência disponível no começo da década de 90 leva à conclusão de que a "revolução do lazer" ainda não aconteceu. Em 1993, existiam na Grã-Bretanha 2,9 milhões de desempregados, que possuíam uma quantidade ilimitada, mas indesejável, de tempo para lazer e pouco dinheiro para aproveitá-lo. Para a maioria daqueles que estavam empregados o número de horas trabalhadas por semana, na verdade, aumentou. Apesar de ser verdadeiro o fato de que a semana de trabalho nos setores industriais na Grã-Bretanha tenha diminuído de 42 horas nos anos 80 para 40 horas no início da década de 1990, é também verdade que o emprego na indústria diminui e

mais e mais pessoas estão sendo empregadas no setor serviços, onde a semana de trabalho cresceu de uma média de 40 para 48 horas. Estas são as pessoas que têm dinheiro para gastar com lazer, mas que não têm tempo para aproveitá-lo. Além disso, a tecnologia moderna aumentou em vez de diminuir a intensidade do trabalho. Apesar de, por um lado, as pessoas, hoje em dia, contarem com a ajuda de um grande número de aparelhos eletrônicos, tais como faxes, secretárias eletrônicas e outros recursos, por outro



Reprodução

espera-se que elas respondam, de maneira mais imediata e tomem decisões com mais rapidez. A tecnologia é também mais intrusa. As pessoas possuem faxes e Secretárias eletrônicas em suas casas, de modo a poderem ser contatadas à noite e nos finais de semana. Existem também faxes e telefones portáteis, que tornam possível o contato com qualquer um até mesmo dentro de um trem(7).

Outras evidências do aumento da intensidade do trabalho daqueles que fazem uso de tecnologias modernas podem ser encontradas num trabalho a respeito dos efeitos da computação sobre os trabalhadores da área de informática. De acordo com ele, os computadores têm aumentado a produtividade dos trabalhadores, através do aumento da carga de trabalho, ao invés do desaparecimento de empregos. Além disso, este estudo também revela que a computação aumentou a pressão do tempo e o stress experimentado pelos profissionais da área de informática(8).

(5) C. Jenkins and B. Sherman, *The Collapse of Work*, (Londres, 1979).

(6) S. Parker, *Leisure and Work*, (Londres, 1983), pp. 104-7.

(7) *The Independent*, "There's just so much to do, and so little time", 25 de Outubro de 1993, p.14.

(8) K.L. Kraemer and J.N. Danziger, "The Impacts of Computer Technology on the Worklife of Information Workers", em *Social Science Computer Review*, Winter 1990, pp. 592-613.

Portanto, a evidência disponível, nos países mais desenvolvidos como Grã-Bretanha, demonstra que, até então, a automação da vida moderna tem aumentado o desemprego, a produtividade e a intensidade do trabalho, ao invés de produzir a tão esperada e decantada “revolução do lazer”. Desta forma, é razoável supor que fenômeno semelhante ocorra, ou venha a ocorrer, em países em

desenvolvimento como o Brasil. A popularidade recente dos telefones celulares é um sinal deste fenômeno que merece ser estudado de forma mais detida.

*Economista formado pela PUC/MG, Mestre em Administração de Empresas pela FACE/UFMG, Doutor em Economia pela London School of Economics e professor da UNA.

